

BALAS ... DE PAPEL – *Publicação Bimensal*, dirigida por Gualdino Gomes e Carlos Sertório¹. Os dois primeiros números foram publicados pela Imprensa de Lucas Evangelista Torres, Lisboa, tendo como editor responsável J. Garcia de Lima, rua da Bella Vista, 98. O terceiro e o quarto números saem sob a chancela de “Deposito / Administração da Empreza Editora / 109 – Rua da Barroca – Lisboa”, sendo o mesmo o editor responsável. Foram publicados quatro números, de 30 de Novembro de 1891 a 31 de Janeiro de 1892. O 3.º número foi anunciado para 31 de Dezembro de 1891, mas apenas foi posto à venda a 20 de Janeiro de 1892. Qualquer dos números contém 16 páginas. O preço de cada exemplar manteve-se, ao longo da publicação, em 50 réis.

Dedicado a Fialho de Almeida², de quem Gualdino Gomes era particular amigo, este “folheto efémero”, como é designado pelos seus autores, abre as suas páginas com uma espécie de proclamação de irónico heroísmo: “Apresentação d’Armas”, que logo no primeiro parágrafo declara: “Não ha, nem houve ainda, publicação desprezenciosa, metaphoricamente humilde, como esta: deseja apenas ... endireitar o mundo”.

Balas de Papel decerto não nos deixou como herança o resultado final deste intento hercúleo. Mas, através do que o seu papel foi baleando, ajuda a abordar uma forma de expressão literária que pode contribuir, com maior ou menor profundidade, para a análise de acontecimentos, etapas ou grandes épocas históricas que vão marcando o tempo: a sátira, em que do princípio ao fim se inserem, aliás em auto-confissão como “singelo fascículo de sátira”.

A sátira nasceu verbal – o sorriso ou riso despertado pela ironia crítica teve espaço adquirido na tradição da anedota passada e contada (com aumento) de geração em geração à volta do antiquíssimo, alegre e ruidoso convívio de uma fogueira partilhada de gargalhadas por uns, engolidas à força por visada minoria. Deu lugar a um estilo literário – a literatura satírica. É evidente para quem a conta ou escreve e para quem a ouve ou lê que a anedota contém sempre uma armadilha – a garra mais ou menos aguda da ironia. E o valor da sátira reside precisamente (dependendo da posição do alvejado) no prazer da sua descodificação³.

¹ Sobre dados biográficos de Gualdino Gomes, v. *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*, Mem Martins, Europa América, 1990, Vol. II, pp. 398-399; sobre Carlos Sertório, v. *Jornais e Revistas Portuguesas do Século XIX*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1998, Vol. I, referência 534, p. 96.

² Os quatro números da publicação exibem, na capa, uma frase de Camilo Castelo Branco: “...palavras contra a péssima ordem das coisas sublunares”. Mas na primeira página, logo abaixo do título e em jeito de frontispício, dedica-a a Fialho: “ A FIALHO D’ALMEIDA “, e por baixo: PREITO DE VASSALAGEM AO MAIOR DE TODOS OS MODERNOS ESCRITORES PORTUGUESES / SAUDAÇÃO VIBRANTE DE ENTHUSIASMO AO ESCARNECE DOR JUSTICEIRO E TEMÍVEL DOS “GATOS”.

³ Sobre as origens da sátira na literatura portuguesa (as Cantigas de Escárnio e Maldizer, a maior parte delas datadas do séc. XIII), v. *História da Literatura Portuguesa*, de SARAIVA, António José e LOPES, Óscar, Porto, Porto Editora, 1982, 12ª edição, corrigida e actualizada, p. 61 e seguintes. É de interesse particular reter duas ideias nesta análise: a de que “Só por excepção raríssima se encontra uma sátira de tema geral”; e a de que, ao contrário das *cantigas de amigo* ou das de *amor*, destinadas à plateia, “A poesia satírica leva-nos para os bastidores do teatro, onde os actores relaxam a compostura, mudam de fato e servem de espectáculo uns aos outros”.

É porventura esse prazer que, ainda que com dificuldade, se poderá encontrar na leitura de *Balas*. O leitor é defrontado com descrições críticas cerradamente marcadas pela data, pelo contexto e pelas referências em que cada artigo vai derramando, de formas que oscilam entre o irónico, o mordaz e o cáustico, uma mais ou menos pesada maledicência, muitas vezes repetida contra um mesmo alvo. Uma leitura ligeira a partir do tempo actual poderá despertar um sorriso, ou mesmo – muito dificilmente – o riso do leitor. Mas a datação é implacável e torna incompreensível a apreensão do tratamento do facto e o gozo do seu picaresco, só possível para o seguidor atento dos pormenores tertulianos da época⁴.

E o que dificulta ainda mais a leitura é a falta de afirmação de um programa conformador desta crítica não apresentadora de qualquer objectivo que possa balizar a formação de um juízo avaliador do criticado ou criticável.

A ironia é das mais temíveis armas políticas. Ainda hoje, século após século, há uma frase frequentemente dita por muitos com uma simplicidade adquirida: “Só sei que nada sei”. E no entanto é das afirmações mais irónicas proferidas por Sócrates, o filósofo que tendo fundado uma escola se recusou a deixar-nos uma linha escrita. Claro que Sócrates sabia tanto que acabou condenado à morte.

É forte a tentação de fazer um paralelismo entre a escrita de *Balas* e o espectáculo cénico da “Revista”, profundamente crítico dos factos políticos e sociais que a sua apresentação documentou em palco. Mas seria errado e injusto. Ao contrário da “Revista”, a revelar, desvendar e condenar factos por entrelinhas e trocadilhos, assim vencendo as atenções de uma pouco inteligente e ainda menos culta censura, *Balas* tem uma preocupação tão fortemente fulanizada que não consegue ultrapassar a crítica – mediana, repetitiva e oca – do que se é tentado chamar de “casaca e gravata”, sempre

⁴ Os exemplos são tão numerosos que a sua identificação e descrição levaria a um texto decerto muito mais longo do que o analisado. Tomemos dois, logo no nº 1: - “L’UOMO DI GENIO”, p. 9, será dificilmente entendível, ou pelo menos de difícil interpretação, para quem não conheça a obra de Eça de Queiroz. Mas constitui inequivocamente um “escárnio e maldizer” anti-Eça, que aliás se irá manter, com particular contundência, ao longo de toda a publicação. As alusões escarninhas (e malévolas) a Eça são de tal modo constantes que bem se poderia atribuir a *Balas*, como título alternativo, o de “Manifesto anti-Eça”. Mas são também reveladoras de uma análise crítica eivada de um provincianismo redutor, para não dizer mesquinho e bafiento. Seria aliás interessante fazer um estudo comparativo entre a crítica queirosiana na sua arguta análise social da pequena, média e grande burguesia portuguesas (sendo certo que, talvez por falta de tempo, lhe faltou o proletariado para completar o grande painel social) e o burlesco ligeiro que enforma a crítica de *Balas* quanto ao que pretende satirizar. “A PRINCESA RATAZANA NA RUA DE S. BENTO”, p. 15, tão pouco se poderá compreender sem referências. Trata-se de uma passagem por Lisboa da princesa Ratazzi, autora de uma tradução de *O Primo Basílio* e de um livro ligeiro que relata uma sua breve passagem por Portugal, intitulado *Le Portugal À Vol D’Oiseau* que, traduzindo a expressão idiomática francesa, seria *Portugal Visto de Relance*. Camilo não terá gostado da ligeireza da observação da princesa acerca do país e, a propósito, escreveu um opúsculo sob o título *Portugal Em Vôo de Pássara*, ridicularizando Ratazzi. As referências à princesa são largamente abundantes na imprensa portuguesa da época. V., em especial, CABRAL, Alexandre, *As Polémicas de Camilo*, Lisboa, Portugal, 1970.

com o recalçamento amargamente pequeno-burguês de não se exhibir na primeira fila.

O que transparece em *Balas* não é a sátira política: é antes a maledicência (para não lhe chamar, não raras vezes, clara malevolência) que se auto-compraz com a crítica pela crítica, como que assim acabando – e consumando – a sua missão de “baleiar”. Para a compreensão das suas páginas é útil analisar, quer o “pano de fundo” adoptado pelos seus autores, quer o cenário político vivido à época da sua publicação.

No número 2, página 11, pode verificar-se que a ardorosa dedicatória a Fialho de Almeida, logo no início da publicação, não é obra do acaso. Aí pode ler-se: “Quando dedicámos a Fialho d’Almeida as *Balas de Papel*, chamando-lhe, com sinceridade e justiça, o primeiro dos escriptores portugezes actuaes, previmos, ou antes, suspeitámos que um longo clamor, nascido num bérro e terminado em esfuminho pelos seculos adiante, se levantasse entre os que se suppunham patriarchas das lettras, e os admiradores destes”.

Esta devota dedicação a Fialho, ungido como a grande figura das letras pátrias, ajuda a explicar umas *Balas* que têm como principal, senão como único alvo de crítica, o pequeno “fait-divers” de que pode palpitar (e pode contentar) um sector sócio-cultural, já numeroso em população, da então ainda pouco urbana Lisboa.

É que a personalidade revelada pelos escritos e vida de Fialho assenta aqui como uma luva: o eterno descontentamento relativo ao seu estatuto social – não económico já que, por casamento, tem vida folgada – o azedume permanente para com outros que detêm estatuto diferente e dele gozam, a frustração constante do pequeno-burguês ressabiado (diríamos mesmo, ressentido, revoltado) sentindo-se atraído desde um berço injusto por um qualquer “maior” a cuja estatura – a reconhecida socialmente como “natural” – nunca lhe será permitido ascender⁵.

O cenário político é o da decadência do liberalismo e o impasse do regime de monarquia constitucional que há-de ainda demorar quase vinte anos até à proclamação da república⁶.

Perante estas referências essenciais – quer literárias, quer históricas – *Balas* ignorou análises políticas e despreocupou-se de análises sociais: fixou-se no linguajar, tantas vezes exímio, da crítica de café, escolhendo alvos de ribalta e porventura querendo libertar através do seu anedotário contra eles, um recalçamento notório da impossibilidade de um ir mais além. E, no entanto, o tempo era espantoso em factos. Neste meio boémio reduzido a escrito, *Balas* tem a sua data a vinte anos da Comuna de Paris e, entre nós, dos que até hoje ficaram conhecidos como “a geração de 70”. Cai em cima do ultimato inglês.

⁵ Sobre a obra de Fialho de Almeida, v. SARAIVA, António José e LOPES, Óscar, *Op. cit.*, “Evolução do naturalismo. O estilo decadente na prosa”, pp. 910-913.

⁶ Sobre este período, v. MATTOSO, José (Dir.), *História de Portugal*, 5º volume – O Liberalismo, 1807-1890, Lisboa, Estampa, 1993.

Ignora-o com a soberania de um “bon vivant” que prefere, à queima-roupa, o autor de um texto, um actor de teatro, ou um político (desde que este não possa fazer mal a ninguém).

Ler as *Balas* pode apresentar como benefício literário a tentativa de decifrar uma forma de situação na escrita: o que sem dúvida bem escrito formalmente, radica num obsessivo fulanismo crítico que ignora o universo circundante e, revolteando sobre si próprio, nos informa, não de situações, mas de descrições barrocas e prolixas, de um estilo amargo, azedo e repetitivo, caindo assim numa opacidade medíocre de falsa classificação de factos. Atravessa um ano crucial da vida portuguesa remetendo-se à visão decadente de uma pluma a esvoaçar o palco.

Helena Bruto da Costa
(2.05.2007)